

# TROPAS DA RAS E DO MALAWI ACTUAM NA ZAMBÉZIA

— revelam administradores de distrito

por Benjamin Faduco, em Quelimane

O envolvimento de membros das Forças de Defesa sul-africanas e de elementos das Forças de Segurança do Malawi nas acções de desestabilização dos bandidos armados na guerra de agressão contra o nosso País, tem vindo a aumentar nos últimos tempos. Exemplos concretos citados por vários adminis-

Segundo um dos depoimentos, num dos combates registados recentemente na zona da Alta Zambézia, as nossas tropas abateram três indivíduos de raça branca. De acordo com o mesmo depoimento os três corpos encontrados no terreno, ainda que sem nenhum documento de identificação, apresentavam contudo características que sugeriam tratar-se do origem sul-africana.

Sul-africanos, malawianos ou indivíduos de outras nacionalidades, que integram as fileiras do banditismo nesta guerra de agressão contra o nosso País, regra geral não se fazem acompanhar dos respectivos documentos de Identificação, na tentativa de ocultar a sua verdadeira nacionalidade.

Quanto à participação do Malawi no banditismo armado basta recordar as declarações do Administrador de Namarrói, segundo as quais tropas de alta patente malawiana integram fileiras dos terroristas

As provas estão nos capturados que se expressam em inglês e chitshewa, além de tações de combate e outros artigos e apetrechos militares de fabrico malawiano encontrados no terreno pelas nossas tropas.

O Administrador do Distrito do Ilé, uma das regiões igualmente afectadas pela desestabilização dos bandidos confirmou ao «Notícias» outras provas que evidenciam o engajamento directo de oficiais malawianos, incluindo espíões.

Aquele administrador disse que, no distrito do Ilé foi capturado um desses espíões que declarou fazer parte de um grupo de cinco outros espíões infiltrados a partir do Malawi. Os cinco nos distritos de Namarrói e do Ilé.

A sua missão era a de reconhecer as posições das nossas tropas e das unidades económicas mais importantes para posteriores ataques no Ilé, Gúrué, Namarrói e Lugela.

O mesmo espião segundo o depoimento do administrador, revelou que os bandidos, infiltrados a partir do território malawiano, são recebidos nos acampamentos conhecidos por Nantuto e Maricuiricui, no distrito de Milange.

É a partir destes acampamentos de recepção e trânsito que os bandidos são lançados em toda a região da Alta Zambézia. Os cinco mil homens armados infiltrados o mês passado foram recebidos e redistribuídos a partir desses acampamentos.

tradores da região da Alta Zambézia, em mesa-redonda com jornalistas nacionais, põem a nu a actuação em território moçambicano não somente de bandidos armados como também de elementos das Forças de Defesa e Segurança dos regimes de Pretória e Blantyre.

Segundo dados fornecidos pelos administradores, as acções de desestabilização na Zambézia marcaram o seu início em 1982. Foi a partir deste ano que o regime racista de Pretória começou a infiltrar massivamente bandidos armados, utilizando como ponta-de-lança o regime do Malawi.

Um dos grupos que pela sua sanha de destruição e crueldade se tornou famigerado na Zambézia era conhecido pelo nome de «Grupo Limpá». Este grupo, integrando milhares de bandidos armados, desdobrou-se em cinco subgrupos que lançaram ataques sucessivos nos distritos de Mopeia, Luabo, na Baixa Zambézia, e Morrumbala, Namarrói, Ilé, Lugela e Molócué, entre outros na região da Alta Zambézia.

Como sugere o seu nome, este grupo tinha como missão o assassinato, rapto e saque de tudo quanto lhe aparecesse pela frente. Foi o «Grupo Limpá» que assaltou e destruiu as infra-estruturas da sede do distrito de Lugela, em princípios deste ano. A tranquilidade foi restabelecida ao fim de oito dias de combates consecutivos.

O famigerado grupo está hoje desintegrado e sem munições, segundo depoimentos dos administradores, ci-

tando declarações dos espíões capturados.

Hoje, a população continua a combater e a impedir qualquer tentativa de aproximação do inimigo. Durante o último ataque a Lugela, os bandidos, segundo declarações do próprio administrador, destruíram 20 escolas primárias e uma secundária. Esta última era a única que existia no distrito. Este ficou reduzido a uma rede escolar de apenas cinco escolas primárias.

Devido à acção criminosa dos bandidos armados cerca de 25 mil pessoas refugiaram-se na região de Alto Lugela. A população daquele distrito debate-se com graves problemas de fome, nudez e doença, visto que os bandidos não pouparam também os postos sanitários.

No distrito do Chinde, encontram-se neste momento cerca de 23 mil pessoas deslocadas de Mopeia, Luabo e Micaune.

No Ilé existem também famílias deslocadas dos distritos vizinhos do Gúrué, Molócué e Namarrói.

Na sua grande maioria, os distritos, da província da Zambézia são caracterizados por desestabilização constante, o que tem levado a que as respectivas populações se tenham

transformado em verdadeiros combatentes na linha da frente pela liberdade tão duramente conquistada.

Segundo depoimentos dos administradores dos distritos mais afectados pela guerra de agressão, o inimigo tem aumentado a sua movimentação nos últimos tempos como resultado de resistência combativa que as populações locais têm levado a cabo juntamente com unidades das Forças Armadas de Moçambique (FPLM).

Equipadas de armas brancas e tradicionais, as populações das zonas afectadas na Alta Zambézia constituem uma verdadeira força que tem infligido frequentes derrotas aos bandidos.

Vários acampamentos foram destruídos à machadada e catanada pela corajosa população da Zambézia, numa luta de morrer ou ser morto.

A este propósito, o Administrador de Alto Molócué, citou o exemplo do acampamento dos bandidos localizado em Chapala, integralmente assaltado pelas populações armadas de catanas, machados e azagaias.

Um outro exemplo da coragem e determinação patriótica das populações de Molócué, foi a reconstrução em apenas dois dias das instalações destruídas pelos bombeiros. A reconstrução destas instalações permitiu a eleição da respectiva Assembleia do Povo, registando ao mesmo tempo uma maior participação das populações locais.